

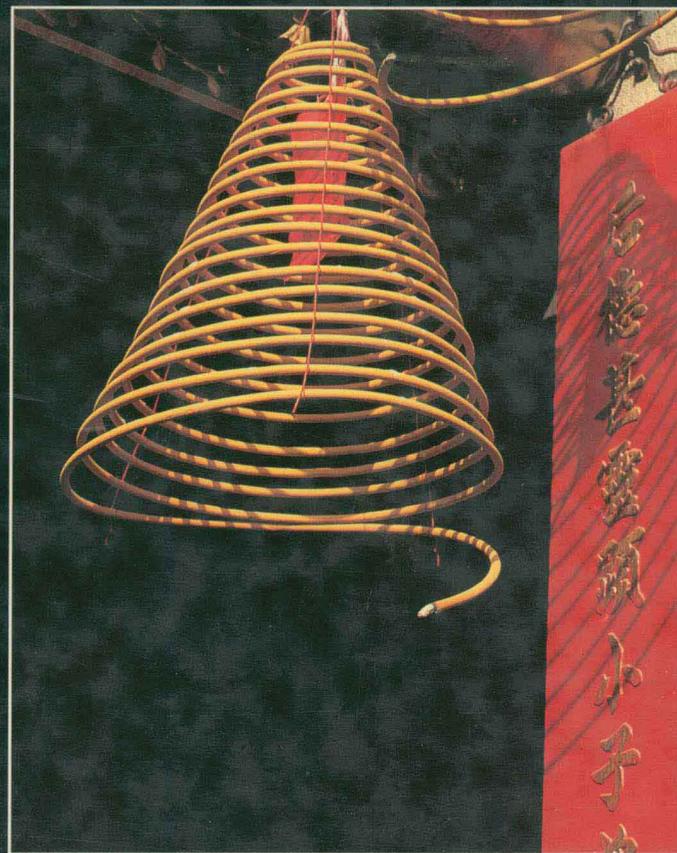
RICARDO FONSECA

方善衡

IMAGENS
MIRAGENS

澳門兩年 DOIS ANOS DE MACAU

形
象
·
幻
影



RICARDO FONSECA

方善衡

形象
幻影

IMAGENS
MIRAGENS

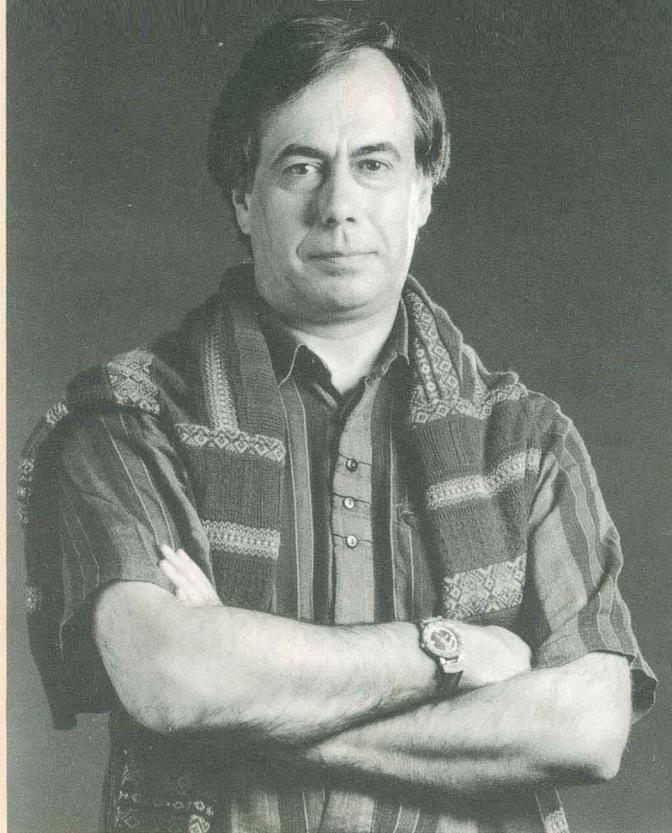
澳門兩年

DOIS ANOS DE MACAU

INSTITUTO PORTUGUÊS DO ORIENTE
LIVROS DO ORIENTE

Título original 書名
Imagens • Miragens 形象·幻影
Autor 作者
Ricardo Fonseca 方善衡
Introdução 前言
Cecília Jorge 左倩萍
Tradução para chinês 中文譯者
Fan Weixin
Direcção de edição 出版負責人
R. Beltrão Coelho 古維傑
Fotolitos 制版
Tipografia Martinho 普華印務
Composição 排版
Livros do Oriente • Tipografia Martinho 東方文粹·普華印務
Impressão e acabamento 印刷
Tipografia Martinho — Macau 普華印務
1ª edição 第一版
Novembro de 1993 一九九三年十一月
© **Copyright** 版權
Ricardo Fonseca 方善衡
Instituto Português do Oriente 東方葡萄牙學會

ISBN 972-8013-08-6



QUANDO co-
mecei a
seleccio-
nar foto-

grafias para este trabalho sobre Macau, tinha como objectivo conseguir um conjunto que contemplasse os aspectos mais significativos da vida deste território. Rapidamente o número de imagens ultrapassou o que me era solicitado, pelo que o objectivo passou a ser outro, bem menos ambicioso mas mais realista; tão só o de seleccionar fotografias que formassem um conjunto capaz de transmitir a heterogeneidade de ambientes e culturas que é possível encontrar em Macau.

Tive que prescindir de imagens que seriam importantes para um retrato de Macau a corpo inteiro. Mas interrogo-me se tal retrato será possível. É que, apesar da pequena dimensão deste território são imensos os temas que nele se podem abordar.

MACAU

Macau é um espaço impar em que o moderno cresce paredes meias com

um tradicional que teima em se manter vivo e que constitui para o fotógrafo um alfofre inesgotável de imagens. Mas, para além do Macau moderno, de características marcadamente ocidentais, e do Macau onde a tradição chinesa impera, existe um outro; aquele em que ainda se encontra reflectida a presença portuguesa ao longo de mais de quatro séculos, tema que só por si justificaria uma ou mais publicações.

As fotografias deste livro são excertos de uma série de apontamentos conseguidos durante um longo deambular pelas vielas e avenidas de Macau, aliás a única forma de conhecer e viver.

RICARDO FONSECA

開始為這部關於澳門的作品挑選照片時，我着眼於形

成一組表現本地區生活最重要方面的照片。很快，挑選出的形象超過了需要。於是目的改變了，變得不象原先那樣雄心勃勃，但更加現實；改為僅僅挑選一組足以反映在澳門能看到的環境和文化非劃一性的照片。

我不得不捨棄對反映澳門整體畫面至為重要的形象。然而，我們心自問，所謂整體畫面是否能勾畫出來。這是因為，盡管本地區地域狹小，但可涉及的題材不計其數。澳門是個獨一無二的空間，現代與傳統并存并長，

澳門

而傳統的東西倔強地保持着生命力，這對一個攝影家來說是取之不盡用之不竭的溫床。不過，

除具有明顯的西方特點的澳門和中國傳統佔主導地位的澳門之外，還有另外一個，這個澳門還反映着四個世紀以來葡萄牙的存在，僅這一題材足可以出上一兩本書。

本書的照片都是從長時間漫步澳門的大街小巷時攝取的鏡頭中篩選出來的，應當說一句，這是認識和生活的唯一方式。

MACAU vive do olhar de cada um.
É uma cidade estranha que atrai, ou repele, sem deixar lugar à indiferença. Macau é a visão permanente, mas individual, e, quando colectiva, partilhada apenas por uma, ou duas gerações. Macau é feita de miragens. E deixa marcas no coração.

Julgo não haver uma Macau, mas um número incontável, todas elas inesquecíveis, todas elas igualmente fortes e passionais. Imagens marcadas pelo amor, pelo ódio, pela amargura, pela saudade. Macau diz-se no feminino ou no masculino, consoante o sentimento que inspira: é a Terra-mãe, uma cidade exótica, ou apenas um nome que quase não figura no mapa....

Em Macau atraem-nos os espectros lusos do passado que por cá ainda pairam. Ficarão enquanto permanecerem as suas raízes, que a gradual e irreversível mola do tempo vai desfazendo, ao erradicar o património arquitectónico e o seu tecido urbano, apagando-se nas famílias que partem.

Mas são também intrínsecas desta terra as marcas da outra comunidade — feita outrora de comerciantes, artesãos, camponeses e marítimos — também ela quase a descaracterizar-se. Eram potenciais emigrantes chineses que acabaram por não partir, e que aqui se foram deixando ficar, fazendo por cumprir a tradição: ganhar a vida, criar os filhos, honrar deuses e antepassados, cumprir um destino, e assegurar a eternidade do patronímico.

Conhecer Macau requer muitos anos e, por vezes, uma vida inteira. É uma cidade que não se deixa devassar, porque — como oriental —, se cobre com vários véus, que é preciso saber (e procurar saber) levantar, lenta e gradualmente. Quem julgue conhecê-la bem acabará, anos depois, por chegar à conclusão de que dispõe, afinal, de um conhecimento muito incompleto, com uma montanha de perguntas sem resposta, de dúvidas por deslindar, nas verdades que julgou descobrir e até de graves incorrecções no vocabulário que aprendeu. Tentar conhecer Macau não é — talvez nunca tenha sido —, uma preocupação para os macaenses, que nasceram neste berço de inconstância a par da aparente calma, de instabilidade a condizer com os tufões, que regressam invariavelmente com as monções e fazem por alterar tudo o que poderia crer-se eterno.

Bonança e tempestade são quase rituais... e Macau fustigada ou não, sobrevive e prossegue, tal como a vegetação arrancada das colinas volta depressa a ser matagal neste clima húmido. E ela acredita-se protegida, pela deusa A-má, dizem uns, ou por S. João Baptista, juram os outros.

Os naturais de Macau não vêm a sua cidade, nem sequer de dentro para fora, sentem-na apenas: a urbe corre no seu sangue.

Não tentam também “conhecer” os locais que frequentam desde crianças, porque os olhos habituados não vêm, nem estranham. E não têm dúvidas sobre o seu passado, sobre a sua história, não fazem perguntas sobre os porquês dos hábitos, das tradições, do comportamento do “outro” que compartilha esse pequeno chão, porque esses hábitos e tradições fizeram sempre parte do seu Mundo.

Em Macau vive-se o dia-a-dia sem conhecer o passado, e até hoje, sem projectar o futuro. Começa-se realmente a tentar conhecer Macau quando o afastamento se concretiza, seja por poucos anos... seja para sempre.

Olhar para Macau, de fora para dentro, afigura-se, assim, um

hábito de estrangeiros, de forasteiros que aqui desembarcam com espírito mais ou menos aventureiro e, cada vez mais, com a intenção prévia de partir em breve. E conhecê-la razoavelmente, para estes, depende muito da intenção com que se olha, e do que se pretende fazer com aquilo que se observa, analisa e assimila. Mais do que a duração do olhar, está o porquê e o como.

E o olhar Macau pode ser, bem ou mal, orientado pelo exotismo das sombras chinesas, pelo muito de simbolismo de que a cidade se reveste: é-se atraído pelas aparências ou afugentado pela fria impenetrabilidade, como quando ela rejeita um olhar estranho.

É aí que funciona a sensibilidade, condição indispensável para olhar a cidade. É então que se aposta no equilíbrio, qualidade tão cara aos orientais, na prática da harmonia. A sensibilidade suficiente para não forçar um olhar... que deve fluir, seguir os contornos do objecto, e ultrapassá-lo, indo fixar-se mais além, no fundo das coisas. Olhar Macau deve procurar mais a simples percepção das coisas do que a tentativa de imediata compreensão delas. Essa, virá depois... ainda que muito mais tarde, quando essa forma de olhar nos tiver proporcionado um arquivo razoável de imagens directas, fluídas, colhidas ao acaso pela nossa sensibilidade, subjectivas quanto baste. Quando as imagens estiverem amadurecidas a ponto de possibilitar uma forma de compreensão, teremos uma visão muito própria sobre Macau, a visão que nos deixa adivinhar nas apertadas malhas do presente muitos dos seus traços do passado, de cidade luso-chinesa, talvez as derradeiras marcas de uma mestiçagem tão completa que é quase invisível: a sua forma de vida—aquilo que realmente a poderia caracterizar como uma cidade diferente de todas as outras que conhecemos.

Porque nesse olhar está Macau, imagem-miragem perene de uma cidade que fisicamente se foi descaracterizando ao longo dos séculos.

Estão nesta obra as imagens-miragens de um forasteiro.

São imagens colhidas em dois anos e meio pelo olhar sensível de

um português, Ricardo Fonseca, com olhar curioso, e decerto divertido, a levantar pontas do véu da cidade e das ilhas, percorridas em horas inesperadas, surpreendendo-as sem lhes dar tempo para se esquivarem à objectiva, ou se zangarem, e persuadindo-as, pela bonomia, a deixarem-se mirar... e a deixarem-se fotografar.

Serão fotografias ao acaso, captadas a bel-prazer...: mas também imagens premeditadas, intencionais, preparadas há muito... e vezes sem conta repetidas, para tentar fixar algo que se adivinha, se procura, e dificilmente se agarra numa imagem.

São também, algumas delas, imagens só possíveis por quem observe bem os caprichos de Macau: que a constante neblina que cobre o território é, seguramente, o mais enganador dos seus muitos véus...

Eis uma abordagem directa, uma forma de olhar Macau. De fora para dentro, sincera e sentida. Sem preconceitos e sem compromissos. Um olhar amigo, onde é visível o encantamento pelo movimento e pela cor, pelo exotismo das gentes e dos recantos: imagens-miragens desta cidade e das suas ilhas, Taipa e Coloane.

Uma forma de olhar reveladora de um exemplar esforço de compreensão...

Cecília Jorge

Macau, Outubro de 1993

對於澳門，仁者見仁，智者見智。
這座奇特的城市吸引着人們，或者讓人望而卻步，但不會使人無動於衷。澳門有着因人而異的持久景觀，但從整體來看，則僅被一兩代人領受。澳門由幻像組成，在人們心中留下印記。

在我看來，不只有一個澳門，而是數不勝數，每一個都令人難以忘懷，每一個都同樣強烈並且充滿激情。一個個形象都帶着明顯的愛情、仇恨、痛苦和懷念。澳門根據靈感的不同可以是陽性或陰性：故土、具有異國情調的城市，或者在地圖上幾乎難以找到的名稱……

在澳門，上空飄蕩的葡萄牙往事的幽靈吸引着我們。只要其根基還在，這些幽靈就仍然飄蕩，而不可逆轉的時代的車輪將逐漸驅散它們，隨着一個個家庭離開這裡，其建築遺產和縱橫交錯的城市街道也會蕩然無存。

然而，另一群體也打上了這塊土地固有的印記——這一群體由商人、手工業者、農民和海員組成——，它的特點也幾乎消失。大批中國移民不肯離開，留在此地，按照傳統生活：謀生、養兒育女、敬神祭祖、聽天由命，傳宗接代。

了解澳門需要許多年，也許需要整整一生。它是一座不易窺視的城市，因為——象東方一樣——蓋着幾層面紗，必須善於（並且設法善於）慢慢地、逐漸地揭開。有的人自認為對澳門瞭若指掌，但幾年以後卻得出結論，原來只是一知半解，對於他認為已經發現的真相尚有成堆的問題等待答案，尚有成堆的疑問無法解釋，甚至學到的詞匯中也有許多嚴重的謬誤之處。澳門人並不設法了解澳門——或許從來沒有想到過了解澳門——，他們出生的這個搖籃表面平靜卻又反覆無常，由於海洋季風必然來到而出現的颱風往往能改變被視為萬古不變的一切。

溫和與暴風驟雨幾乎司空見慣……不論是否遭到蹂躪，澳門總是能生存下來，繼續生活，就象山丘上樹木被連根拔起，在潮濕的氣候下很快又叢林茂

密一樣。澳門自認為有神靈保佑，有些人說是阿媽女神，另一些人則認為是聖徒若奧·巴蒂斯塔。

澳門當地人并不看他們的城市，既不從外面也不從裡面觀察，他們僅僅感受它：城市在血管中流動。

他們也不想看到從小就游玩的地方，因為對其習以為常的眼睛既看不到，也不感到奇怪。他們不懷疑自己的過去，不懷疑自己的歷史，對於同樣住在這塊小小的土地上的“另一個”為甚麼有這樣的習俗和舉止也不提出問題，因為這些習俗一直是他們的“世界”的組成部分。

日復一日地在澳門生活而不了解它的過去，并且直至今天也不規劃它的未來。只是到真的要離開它幾年……或者一去不復返時才開始真的想了解澳門。

從外往內望澳門，好象是外國人和外地人的習慣，他們帶着近乎冒險的精神棄舟登岸，并且越來越事先就打算趕快離開。對這些人來說，了解到何種程度居取決於前來觀看的意圖，取決於指望以觀察、分析和學習到的東西做甚麼。“為甚麼”和“怎樣”比看的時間更為重要。

看澳門可以有個好的或壞的指導，為了中國影子的異國情調而來，為了這座城市具有巨大的象徵意義而來：受到其外表的吸引或者被其不可捉摸性所驅趕，就象它總是排斥陌生的目光那樣。

這是敏感在起作用，而敏感是看一座城市必不可少的條件。這就要保持均衡，而均衡是東方人達到和諧的極為可貴的品質。敏感足以不強制目光……目光應順應自然，伴着事物的曲線，然後超越它，最終看得更遠，盯住事物的基本之處。看澳門，應當先設法簡單地發現事物而不是立即理解它們。理解是以後的事…… 儘管在很久以後，當通過這種看的方式我們獲得了直接得到的、湧出的、以我們的敏感偶爾收集到的、不太主觀的大量形象資料的時候。當這些形象成熟到我們可以用某種方式理解的時候，我們就會對澳門

有個非常貼切的看法，而這一看法讓我們從當前密匝匝的網絡裡推斷出這個葡 - 中城市往事中的許多線條，也許推想出完全得幾乎難以看出的種族混雜：它的生活形成——這一點確實使它具有區別於我們見過的任何其他城市的特點。

因為這正是如此看到的澳門，幾個世紀以來在外表上漸漸失去特點的城市那永久不變的形象——幻影。

這部作品是一個外來人的形象——幻影。

這些形象是葡萄牙人 Ricardo Fonseca 以其敏銳的目光在兩年半的時間裡收集的，他以好奇的、肯定也很有趣的目光撩起本市和離島面紗的一角，出其不意地使它們來不及躲避鏡頭或者氣惱，以善良的態度說服它們任他看……任他拍照。

這些照片都是隨心所欲偶然抓拍的……但也是事先構思、早有準備的形象……有時還多次反覆拍攝，以便捕捉到形象中人們推想、尋找而又難以抓住的某種東西。

其中幾張照片還是只有善於觀察澳門獨到之處的人才能拍攝得到的形象：籠罩本地區的霧靄在許多面紗中最具欺瞞性……

這是直接觀察澳門的一種形式。從外到內，滿懷真誠和情感，沒有偏見，更沒有義務。友好的目光，其中對這裡的活動、色彩以及人們和地方的異國情調的陶醉顯而易見：本市及其離島氹仔和路環的形象和幻影。

這種觀察的形式顯示出爲了理解而作出的堪稱典範的努力……

左倩萍

1993年10月於澳門。



